

FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

(financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia)

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutorando em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatiche Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

João Carlos Timóteo

Índices

João Costa

Imagen de capa

Assinatura régia autógrafa de D. Manuel I, Foral de Vouga, Lisboa, [Colecção Particular], 1514.03.18.

SUMÁRIO

Imagem da capa: A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei, p. 7

João Alves Dias

ESTUDOS

Algumas Achegas sobre o Material Tipográfico da Oficina de Germão Galharde e de sua Viúva (1519-1565), p. 11

Helga Jüsten

Património, Casa e Patrocínio: Uma Aproximação ao Senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534), p. 39

Hélder Carvalhal

MONUMENTA HISTÓRICA

Carlos Silva Moura, João Costa, José Jorge Gonçalves, Nunziatella Alessandrini, Pedro Pinto, Roger Lee de Jesus, Tiago Machado de Castro

Escambo de uma casa na Rua das Alcáçovas em Évora por uma vinha em Xarama (1307), p. 69

Venda de um quarto de casas junto à Alcáçova de Évora (1312), p. 71

Treslado em pública-forma de um contrato de aforamento de um pardieiro na cidade de Évora feito por João César e Constança Vasques a Domingos Bueiro e Constança Eanes (1322|1376), p. 73

Pública-forma de carta régia de D. Afonso IV sobre o cumprimento de uma verba do testamento de D. Dinis (1336), p. 77

Testamento de Vasco Afonso, morador em Évora (1346), p. 81

LISBOA

2014

- Emprazamento de pardieiro em Évora a Mestre João, físico de Córdoba (1374), p. 85**
- Instrumento de tomada de posse de Estêvão Vasques de Góis da Quintã de Pedra Alçada, Monsaraz (1375), p. 87**
- Instrumento público de partilha dos bens de João Tomé (1383), p. 91**
- Partilha de herança de Nicolau Joanes, de Évora (1385), p. 95**
- Aforamento de vinhas no Calhariz (Lisboa, 1390), p. 97**
- Venda de herdade em Redondo (1397), p. 99**
- Encampação de vinha no Calhariz de Lisboa a João Eanes, pedreiro e mestre das obras do concelho (1405), p. 101**
- Encampação de pardieiro no Redondo pertencente a Leonor Gonçalves da Silveira (1414), p. 105**
- Venda de uma herdade em Évora-Monte (1423), p. 107**
- Sentença de D. Afonso V num pleito entre o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Fernão Vasques da Cunha (1438), p. 109**
- Inventário de todos os bens móveis e de raiz pertencentes à igreja de Nossa Senhora, matriz da vila de Góis (1552), p. 117**
- Certidão da artilharia das fortalezas do Estado da Índia (1553), p. 129**
- Tombo de capelas instituídas na vila de Castelo Branco e seu termo (s.d.), p. 139**
- Testamento de Bartolomeu Ginori, homem de negócios em Lisboa e provedor da irmandade da igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa (1723), p. 151**
- Relação do Forte Real de S. Filipe na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1750), p. 159**

ÍNDICES

- Índice cronológico dos documentos publicados neste número, p. 174
- Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 175

EDITORIAL

Por vezes os *milagres* acontecem! Por isso podem ser classificadas de *milagres* as surpresas extraordinárias e agradáveis que a vida vai proporcionando, depois de se perderem as esperanças. Como pode um texto impresso revelar-se como inédito se já era édito desde que fora publicado? Existem muitos preconceitos na História. Alguns historiadores defendem que só os documentos manuscritos e que ainda se conservam inéditos podem revelar factos inteiramente desconhecidos ao Homem hodierno. Entendem que o manuscrito revela uma comunicação pessoal (que nem sempre é escrita para um destinatário – caso de um diário) e por isso até uma simples carta enviada a outro, embora passe a ser propriedade do destinatário, não pode ser divulgada sem autorização do signatário, nem o seu autor (a quem pertence a *propriedade intelectual*) a pode divulgar sem a autorização do destinatário.

Todo o interessado conhece a *estória de muy nobre Vespasiano emperador de Roma* (um dos raros livros impressos em Lisboa no ano de 1496) e as vicissitudes por que a edição passou por, aparentemente, só ter sobrevivido um exemplar e mesmo esse se encontrar incompleto, dado lhe faltarem os primeiros três fólios. O texto e a história são conhecidos a partir de outras fontes. O que se tinha como desconhecido, e por isso inédito, eram as gravuras que acompanhavam os dois primeiros capítulos e possivelmente a portada. Na época todos os interessados as viram mas depressa passaram para o mundo do desconhecimento.

Uma investigadora do Centro de Estudos Históricos olhou com um outro olhar – para um outro livro, também não inédito *Cronica llamada el triunpho de los nueve preciados da la fama* (Lisboa, Germão Galharde, 1530) – e viu o que os outros até então não tinham identificado: uma das gravuras perdidas (e que se julgavam desconhecidas para sempre) daquelas duas ou três que faltavam na obra impressa mais de três décadas antes. Parafraseando Lavoisier: *nada se perde tudo se transforma!*

O outro milagre é a continuação da *Fragmenta Historica*. O Conselho Editorial recebeu vários artigos mas nem de todos foi possível fazer a edição. Recorde-se que *Fragmenta Historica* não é apenas mais uma revista de divulgação de trabalhos de História. Como diz o Editorial do primeiro número: *a sua base para os seus estudos é (e procuraremos que seja sempre a constante do futuro) o documento: puro, duro, sólido e concreto*. Os textos em língua estrangeira encontram-se limitados a investigadores para quem a língua portuguesa não seja a sua língua materna e oficial e, mesmo esses, têm forçosamente de ter como base o documento. Depois disso, todos os artigos são sujeitos a arbitragem científica externa – e isto é uma injustiça para com os três jovens que constituem o Conselho Editorial pois, eticamente, encontram-se impedidos de escrever artigos para uma revista onde seriam eles próprios a escolher a equipa da arbitragem. Assim, a sua colaboração, como a do Diretor da Revista, está *limitada* à divulgação de documentos, ao editorial, à escolha do documento que ilustre a capa e à sua explicação e, tarefa difícil mas fundamental e importante: a elaboração de um índice analítico. Mas são uma equipa que sabe conjugar Fraternidade, porque acreditam na História e no Homem.

IMAGEM DA CAPA

A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei

João José Alves Dias

Quase tudo já foi dito, redito e glosado (por vezes com erros grosseiros) quando se fala e escreve sobre a reforma dos forais que Fernão de Pina coordenou e produziu seguindo as diretivas dos reis a que serviu: D. João II e D. Manuel.

Analizada a documentação que sustentava a cobrança dos direitos reais¹ em cada unidade administrativa² independente³, Fernão de Pina propunha uma redação final de tudo quanto tinha sido apurado e – após a concordância do Chanceler Rui Boto – produziam-se dois documentos⁴ que eram

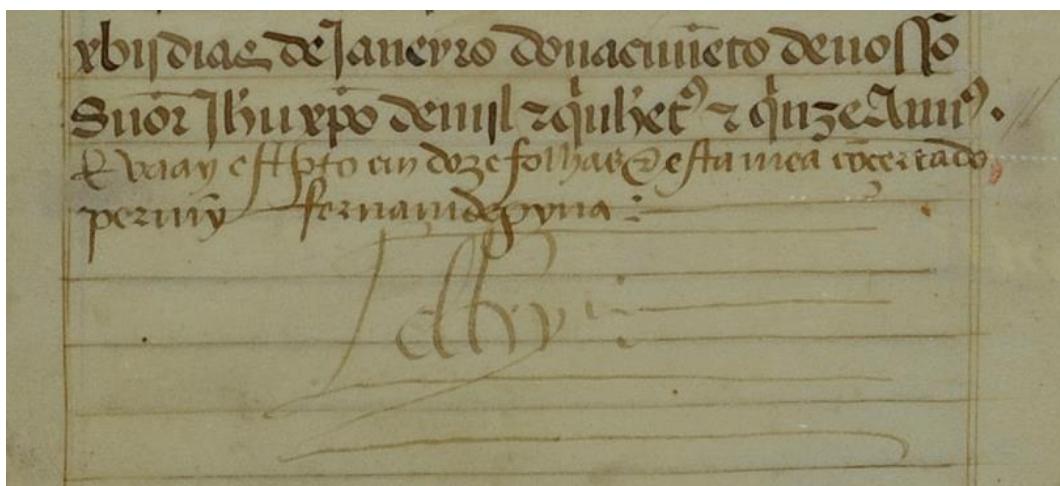
¹ A documentação tinha origem diferenciada: nuns casos, os forais dados até ao século XIV (alguns hoje desconhecidos); em outros, os foros – usos e costumes – estabelecidos e aceites pelo município (que por vezes se foram modificando e que nem sempre subsistiram); noutras, ainda, a documentação base foi produzida com a realização de inquéritos, de sentenças, de tombos e de contratos notariais produzidos entre os vizinhos de cada núcleo administrativo.

² As delimitações das unidades administrativas poderiam variar, embora em escala diminuta, e ter ou não independência territorial (separando-se, juntando-se ou autonomizando-se) em função das diferentes jurisdições: fiscais, administrativas, judiciais e até senhoriais. Os mapas não se sobrepõem conforme muitas vezes se tem dito, escrito e representado – tenha-se como exemplo a terra do Ribatejo no termo de Palmela (João José Alves Dias, *O Foral de Aldeia Galega de 1514*, Montijo, Câmara Municipal, 2014). Lembrem-se as variações registadas no preâmbulo (*protocolo*) da documentação aquando do endereço (*inscriptio*) na documentação (com origem diferente) enviada a uma mesma unidade administrativa.

³ Em função das diferentes Contadorias do Reino, porque era de direitos fiscais que se tratava. Por isso existirem “concelhos”, “vilas” ou outras unidades (com diferentes designações) que aparentemente não foram contemplados com forais. Luís Fernando de Carvalho Dias, no fim de cada um dos cinco volumes que publicou com o registo – ou memória – que a Torre do Tombo guardou da produção dos forais, chama a atenção para os “concelhos” existentes entre 1527-1532, que não têm o seu foral registrado (o que não quer dizer que em um ou outro caso não tenha existido e que, por razões que hoje nos escapam ainda, tão somente não tivesse sido copiado no registo). Na maioria das vezes, a administração dos Direitos Reais – recorde-se mais uma vez que é disso que tratam os forais quinhentistas – dessas unidades, que aparentemente escaparam, não se colocava por terem espaços «em comum» com outra, ou outras, unidades territoriais.

⁴ Ao contrário, também, do que se tem dito e redito – e ao arrepio do que a documentação aparentemente possa induzir – não foram produzidos três forais idênticos (de um mesmo teor e aparência). Foram, sim, feitos, no máximo, três

apresentados na Chancelaria Régia que os selava, validava e ao mesmo tempo fazia com que recebessem o sinal régio de autenticação⁵. Só depois desta confirmação régia é que Fernão de Pina autografava o auto de encerramento do foral. Antes esse auto ficava em aberto porque caso houvesse emendas ou acrescentos de última hora estes poderiam ser adicionados, mesmo depois da data. Se o Rei não tivesse deixado em branco um espaço suficiente para as duas ou três linhas do autógrafo de encerramento, Fernão de Pina não se coibia de escrever no lugar certo mesmo que com isso tivesse de escrever e de assinar sobre a assinatura régia (recorde-se, entre muitos casos, o do foral assinado a 15.1.1515 para as vilas de Alcochete e Aldeia Galega).



Um dia, olhando num ângulo em que se via a luz solar rasante à assinatura régia que autenticava um foral, reparámos que a assinatura produzia reflexos desse mesmo raio, “ganhando” luz. Testado com mais uns quantos, foi com alegria que confirmámos que pelo menos os originais dos forais produzidos nos anos de catorze e quinze do século de quinhentos apresentavam todos – desde que não tivessem sido mal restaurados – os mesmos reflexos. O ouro tinha sido a substância metálica usada – na produção da tinta com que o monarca assinava – para dar à goma a fluidez e consistência necessárias.

documentos, ou melhor três versões ou formas do foral: uma, para a unidade administrativa; outra, para o senhor dos direitos reais (donatário); e uma terceira, que ficava na Coroa, como sede da administração central nos seus vários ramos (no caso presente a Fazenda e Contadoria) destinada à resolução de conflitos. Mas, no que respeita às unidades administrativas em que os direitos reais fossem exclusivamente régios só se produziam duas formas dessa documentação, uma para o «concelho» e outra para a Coroa. Mas (e existe sempre mais um mas, quer na História, quer nas estórias), em qualquer dos casos, a forma física do foral (aparência final e diplomática) que ficava para a Coroa não era idêntica à que era entregue à administração local e ao donatário; e, por vezes, poderia ainda haver diferenças, no que ao seu programa decorativo diz respeito, entre o foral do donatário e o da unidade administrativa. Existem, ainda, formas aparentes de forais coletivos, comuns a várias unidades administrativas, que apenas o foram na forma do donatário e coroa e que foram individualizados quando entregues ao local a que respeitavam. [Estamos, em conjunto com Pedro Pinto, a organizar um volume com toda a diplomática dos forais].

⁵ Face à doutrina exposta na nota anterior, muitas vezes, só existiu, de um mesmo foral, um exemplar completo dotado de assinatura régia.



A mesma assinatura régia com diferentes ângulos de incidência de raio solar.

A assinatura – sinal régio – que acompanha os forais originais é um autógrafo escrito pelo monarca, com uma tinta composta de ouro... A escrita apresenta-se-nos clara, como se de um fio de ouro se tratasse e, por isso, pouco se realça no pergaminho hoje amarelecido pelo consumo do tempo. Mas ao Sol o ouro ainda reluz!

Fontes

Foral de Alcochete e de Aldeia Galega do Ribatejo, 1515, Lisboa, Janeiro, 17 (Alcochete, Museu Municipal de Alcochete, Pergaminho 319).

Foral de Vouga, 1514, Lisboa, Março, 18 (Lisboa, [Coleção Particular]).

RELAÇÃO DO FORTE REAL DE SÃO FILIPE NA ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE (1750)

Transcrição de Tiago Machado de Castro

Doutorando em História na Universidade Nova de Lisboa

Bolseiro de investigação do CLUL

CHAM – FCSH/NOVA – UAç

Resumo

1750, Ribeira Grande, Ilha de Santiago de Cabo Verde, Abril, 1

Abstract

Descrição da Fortaleza de São Filipe, outros baluartes, casas, artilharia, armamento e apetrechos existentes feita por ordem do provedor da fazenda real no âmbito da transição de almoxarife.

Description of the fortress of São Filipe, its bulwarks, houses, artillery, weaponry and equipments, made by order of the purveyor of the Royal Treasury in the context of the replacement of the storekeeper.

Arquivo Nacional de Cabo Verde, Secretaria-Geral do Governo, G.7, Diversos, Livro 0989, fól. [1] - [10]

²¹³Documento

Anno de 1750

(nº17)

Ao primeiro dia do mes de abril de mil setecentos e sincoenta annos nesta cidade da ribeira grande ilha de sanctiago de Cabo verde nas pouzadas do provedor da Real Fazenda o dezembargador Francisco Xavier de Araujo por mandado delle carrego eu escrivão em receita ao Almoxarife feitor, e recebedor da fazenda real o Ajudante Tenente Henrique da Costa Alvarenga as fortalezas, belluantes, prezidio Artelharias, moniçoens, e mays petrecho que recebeo do seu antecesor o Almoxarife que foi da real fazenda o coronel Francisco Alves dAlmada, e os mays que receber e sobre elle Carregar, o que faço pella maneira seguinte, Eu Jorge Martinho Fragozo escrivão dos contos e almoxarifado que asiney:

Fortalleza de São Phellipe

Carrego eu escrivão em receita ao dito almoxarife por mandado do dito provedor a fortalleza de São Phillipe posto por terra, e a praça de fora redeficada, a Ermida com porta de traveça noua e a prencipal noua, seis cazas duas de tras abafadas e a outra com prencípio, e huma sem portall, e duas aruinadas, e com duas portas quebradas, e emcapazes, e duas

[1]v

E duas portas dentro das ditas cazas, huma com fechadura, e outra sem ella, a sisterna [com] porta quebrada , e com a artelharia seguinte, e a fortalleza com sua porta e fechadura e chave –

Nove pessas de ferro montadas em seus reparos novos, e duas pessas no cham com exo quebrado –

Mais quinze bocados de pau velhos –

Hum sino com seu badallo em quatro pedaços –

Sete centas noventa, e sete ballas razas entrando duas quebradas, e trinta, e oito na alfandega velha –

Vinte quatro ballas de pedra com seus defeitos, e quebradas –

Pessas 9 e 2 no
cham

bocados de pau
velhos 15

1 Sino

Ballas 797

Ballas de pedra 24

²¹³ Normas de transcrição utilizadas:

Foi respeitada a grafia do texto original e sua pontuação excepto: nos casos de nomes próprios e apelidos em que introduzida uma maiúscula inicial; na normalização do que aparenta ser um Z em final de palavra, introduzindo-se um S em substituição (ex. contoz por contos; trez por tres).

Quebras de linha foram eliminadas fornecendo texto corrido.

As abreviaturas foram resolvidas com a indicação dos elementos ausentes a itálico, tomando como indicar as formas extensas presentes no texto.

Conjecturas estão assinaladas entre parênteses rectos (ex. [nnn]); lacunas de suporte não resolvidas estão entre parênteses rectos com três pontos (ex. [...]).

Os fólios do manuscrito não estão numerados pelo que a sua numeração foi feita pela contagem de fólios a partir da capa, apresentando-se de forma conjecturada entre parênteses rectos. A numeração dos fólios foi introduzida como quebra de página.



Mais dez pedaços de balas de pedra –	Pedaços 10
As portas do portão –	Portas do portão
Hum pau de bandeira –	Pau de bandeira

Balluarte de Santo Antonio

Quatro cazas de telha novas que tem huma intrada, e seis jenellas todas sem porta –	cazas 4 de telha nova
Quatro pessas de ferro desmontadas, huma foi para a fortalleza –	Pessas de ferro 4 desmontadas
Quatro carretas velhas, e quebradas, e com faltas de muitos paus –	Carretas Velhas 4
[2]r	
Duas ballas, e trinta, e seis na alfandega velha –	Ballalas 38
Porta do portão chapeado de ferro, e com sua fechadura, e chave –	Portão

Belluarte dos Cavalleiros

O balluarte com os muros reparados de novo com seu portão, e fechadura –	
Dez pessas de artelharia, a saber sinco montadas em seus reparos novos por se ter consumido os velhos com o tempo mais sinco no cham entrando huma com a boca quebrada que ajusta a dita conta –	Pessas de artelharia 10
Mais tres com munhoins quebrados –	mais 3 comunhois quebrados
Dous paus mais que estão nas ditas pessas –	Paus 2

Belluarte de São Vericimo

O balluarte com sua muralha, e portão, e chave, e fechadura com huma caza de polvora, e outra cazinha de cappitão com porta nova, e fechadura –	
Seis pessas de ferro montadas em seus reparos velhos, e emcapazes entrando húa cravada –	Pessas [6]
[2]v	
Sete pessas de ferro com os munhoins quebrados que não serve para nada –	Pessas de ferro 7
Duzentas, e sincoenta, e quatro ballas razas –	Ballalas 254
Dous canos de espingarda velhos, e tortos sem serventia –	Canos velhos 2
Hum varão de ferro que serve de pontalete na caza –	Varão 1
Duas alenternas velhas sem serventia –	Alenternas velhas 2
Hum perafuso de pau com que se elevanta as pessas –	Perafuso de pau 1
Huma arondella –	Arondella 1



Hum moitão com sua polé –	Moitão 1
Huma tarimba na caza dos cappetoins –	Tarimba 1
Mil, e quinhentas telhas entrando nesta conta muita quantidade quebrada, e varios pedaços –	Telhas, e a maior parte quebradas 1500

Belluarte de Sam Lourenço

O balluarte com suas cazas, huma com porta, e fechadura, e huma porta dentro de huma caza nova com fechadura, e chave –	
Quatro pessas de ferro montadas em seus reparos, dous novos, dous velhos	Pessas de ferro 4
–	
Dezassette ballas razas nalfandega velha –	Ballas razas 17
[3]r	
Hum portão novo com sua fechadura e chave –	Portão 1

Belluarte de São Braz, e deschapalimáo

Ho belluarte com suas cazas portas e fechaduras, e seu portão da mesma forma –	
Trez pessas de ferro montadas em seus reparos novos entrando huma dellas com a boca quebrada –	Pessas de ferro 3
E nas cazas do balluarte com oficina e tenda de ferreiro com as suas ferramentas seguintes –	
Huns folles grandes com seus aviamentos novo [ingles] –	Folles 1
Huma bigorna grande –	Bigorna 1
Huma cortadeira de sepo com a ponta de baixo quebrada –	Cortadeira de sepo 1
Huma atanaz de volta –	Atanaz de volta 1
Duas craveiras, e hua dellas quebradas –	Craveiras 2
Hum martello piqueno de mão –	Martello piqueno de mão 1
Dous martellos, hum grande e outro piqueno –	Martello 2
Hum banco com dous tornos grandes –	2 tornos
Huma atanaz velha –	Atanaz [1]]
[3]v	
Huma atarraxa com sinco perafusos –	Atarraxa 1
Duas limas grandes entrando huma com as pontas quebradas –	Limas grandes 2



Huma dita piquena –	Piquena 1
Trez limas medianas –	Limas medianas 3
Hum cinzello piqueno –	Sinzello 1
Duas talhadeiras –	Talhadeiras 2
E outro malho, ou martello de duas maos –	Malho 1
Huma broca velha sem ferro –	Broca velha sem ferro 1

Prezidio desta praça

A caza do prezidio aberta com varanda com sua coluna de pedra

Huma caza para os capitoins, outra em comrespondencia que serve de calaboco com suas portas, e fechaduras, e o calaboco com suas portas, e fechaduras, e o calaboco com sua jenella para fora com suas grades de ferro

—

Hum tronco que serve de pés, e piscosso com duas aldrabas –	Tronco 1
Hum taboão que serve de menza que está na caza do cappitão –	Taboão 1
Outro taboão que serve para se emcostarem as espingardas para não chegarem ao cham –	Outro taboão 1
Com seu cabido na parede –	Cabido 1
Huma roqueira com sua carreta –	Roqueira 1
[4]r	
Hum taboão que serve nas carretas –	Taboão 1
Huma roqueira mais na alfandega, e a sua carreta no prezidio –	Roqueira 1

Plantaforma do prezidio

Sete pessas entre grandes e piquenas montadas em suas carretas novas–	Pessas 7
Huma tarimba grande com falta de hua taboa –	Tarimba 1
Hum muchaxo –	Muchaxo 1

Alfandega

Huma ballança grande com braço de ferro, e cadeas e as conchas de pau, e com seus pezos que portados são sette entre meudos e grossos –	Ballança Pezos 7
Trez folles de ferreiro –	Folles 3
Hum varão de ferro –	Varão 1
Tres mais ditos que servem nas carretas –	mais 3



Huma alavanca –	Alavanca 1
Duas camaras de roqueira –	camaras de roqueira [...]
Huma bigorna de cham –	bigorna 1
Dous ferros de exos de carretas que hé duas rodas –	2 ferros [de exos]
[4]v	
Huma ballança de pezar dinheiro com seus pezos com fallta de duas outavas –	1 Ballança de pezar dinheiro
Hum varão de ferro de exo com douz pregos nas pontas –	Varão de ferro 1
Dous quintaiz, húa arroba, e vinte, e sinco livras de Asso –	Asso 2 quintais 1arroba, e 25 livras
Seis quintais de ferro velho –	Ferro Velho 6 quintais
Huma ballança com conchas de pau quebrada, e braço de ferro –	Ballança 1
Dous sintos de ferro para prizão –	Cintos 2
Seis roqueiras sem camaras –	Roqueiras 6
Huma caldeira de cozer Alcatrão –	Caldeira 1
Huma corrente sem colar nem chaveta –	Corrente 1
Mais tres roqueiras, duas na caza da camera, e huma no prezidio –	Roqueiras 3
Tres ferros que servirão nas carretas com alguns pregos –	Ferros 3
Hum ferro de Roldana, e huma Argolla piquena –	Ferro de Roldana e húa argolla piquena

Ferramentas de Ferreiro, e Serralheiro

Sete limas grandes –	Limas Grandes 7
Duas atanazes huma nova, e outra velha sem serventia –	Atanazes 2]
Huma tizoura grande de cortar ferro –	Tizoura 1
Duas chigadeiras de forja –	Chigadeiras 2
Tres craveiras de fazer pregos –	Craveiras 3
[5]r	
Huma atarracha de perafusos com hum macho menos –	Atarracha [...]]
Dous andadores de fazer perafusos –	Andadores 2
Quatro malhos, dous novos, dous velhos –	Malhos 4
Hum alicate –	Alicate 1



Huma pasta de chumbo que serve de picar limas –	Pasta de chumbo 1
Dous rebollos, hum novo, e outro velho, com hum veio de ferro –	Rebollos 2
Tres bigornas –	Bigornas 3
Hum riscador –	Riscador 1
Dous canos de folles com seus paus, e hum de assentar os paus, e dous curvetoins –	Canos de Folles 2

Ferramentas de Carpinteiro

Hum macete de pau, sem cabo –	Macete 1
Sinco machados velhos –	Machados Velhos 5
Douz ditos quebrados –	2 ditos quebrados
Hum olho de outro machado –	olho de machado 1
Vinte, e tres verrumas entre grandes e piquenas, e outras velhiçimas –	Verrumas 23
Duas folhas de serra –	Folhas de Serra 2
Quatro meios trados –	meios trados 4
Hum trado –	Trado mais 1
Dous martellos –	Martellos 2
Hum compasso de volta –	Compasso [de] volta [1]

[5]v

Hum excoplo –	Excoplo 1
Oito argollas com suas pontas de pregar nas taboins –	Argollas 8
Huma folha de serra ja quebrada no serviço de El Rey –	Folha de serra 1

Ferramentas, e matreais de Pedreiro

Sette colheres de pedreiro –	Colheres de pedreiro 7
Vinte, e nove picaretas todas quebradas, e sem serventia nenhuma –	Picaretas 29
Treze emchadas sem nenhuma serventia, todas quebradas –	Emchadas [13]
Mais huma emchada –	mais 1 emchada
Sinco olhos de emxadas sem nenhuma serventia –	olhos de emxadas 5
Vinte, e sete pas entrando nesta conta sinco quebradas –	Pas [27]
Tres cochos de acarretar pedras –	Cochos [3]
Huma siranda –	1 Siranda



As aduellas de huma barrica que teve cal –	Barrica [aduellas]
Huma caza na fortalleza real com hum garnel de tijolloz que a mayor parte estão quebrados –	Tijolloz [...]

Armas de fogo e suas monições

Noventa, e oito Armas de fogo aparelhadas com muitas falltas, e todas chujas de ferruje –	Armas de fogo 98
---	------------------

[6]r

Cento, e quatro armas de fogo velhiçimas com muito danno e quebradas sem serventia nenhuma –	Armas Velhiçimas 104
--	----------------------

Vinte, e cinco Arcabuzes –	Arcabuzes 25
----------------------------	--------------

Vinte, e Sette Armas de fogo entrando nesta conta seis sem fechos que por emcapazes se estruhião –	Armas Velhiçimas 27
--	---------------------

Tres fechos de expingardas –	Fechos de expingarda 3
------------------------------	------------------------

Cento vinte, e huma patronas com seus corrioins a mayor parte velhiçimos sem serventia –	Patronas 121
--	--------------

Quarenta, e quatro Ballas com alguns danos –	Ballalas 44
--	-------------

Huma Bandoleira de garnadeiro –	Bandoleira 1
---------------------------------	--------------

Settenta, e cinco cartuxeiras velhas, e outras emcapazes –	Cartuxeiras 75
--	----------------

Trezentos sessenta e seis frascos, entrando outros velhiçimos sem serventia –	Frascos 366
---	-------------

Cento trinta e huma bayonetas –	Bayonetas 131
---------------------------------	---------------

E cressem do Numero de bayonetas oito baynhas –	Bainhas 8
---	-----------

Sessenta corrioins que estão nas mesmas espingardas referidas, e muitos com pedaços sem serventia –	Corrioins 60
---	--------------

Outo centtas sincoonta, e seis pedras de fogo –	Pedras de fogo 856
---	--------------------

Quarenta e dous cunhetes de Ballas de chumbo que pello seu pezo antigo emporta em trinta , e seis quintais, e duas arrobas –	Cunhetes de ballas de chumbo 42 com 36 quintais, e 2 arrobas
--	--

Seis mil, e sete Ballaz razas separados os calibres no expardeeiro da Alfandega velha sem guarda, e ento	Ballalas razas 6007
--	---------------------

[6]v

E entolhadas debaixo das pedras da mesma parede que arombou que se não poderão contar –	
---	--

Sincoonta, e quatro Ballas razas –	Ballalas razas 54
------------------------------------	-------------------

Mais vinte, e tres Ballaz razas –	Ballalas razas 23
-----------------------------------	-------------------



Tres ameitades ditas asima –	ditas 3 ameitades
Duas ditas de pedra –	de Pedra 2
Dez ballaz emcadeadas em que entrão duas com faltas nas pontas –	Ballaz emcadeadas 10
Tres ballas de palanqueta –	ditas de palanqueta 3
Sinco sacatrapos para Artelharia –	Sacatrapos 5
Quatro soquetes –	Soquetes 4
Duas astias de lanada –	Astias de lanada 2
Quarenta, e oito Astias de lanada entrando outras nos sacatrapos e cucharras –	Astias de lanada 48
Noventa e oito espeques –	Espeques 98
E onze quintais, duas arrobas, e onze livras de Murrão que está na Alfandega se gastarão algumas arrobas mais capazes, e o mais que fica todo podre, e feito coaize com cinza que por esta rezão se não pezou –	Murrão [...]
Quatro pastas de cobre para cucharras –	Pastas de cobre 4
Duas lanadas mais –	Lanadas 2
Quatro alenternas velhíçimas, e emcapazes de serventia –	Alenternas 4
Huma pouca de polvora molhada em hum barril –	Hum barril de polvora molhada
[7]r	
Hum estandarte velhiçimo sem serventia –	[Estandarte] velhiçimo
Huma bocetinha com preguinhos de metal para lanada com quatro centos outenta, e quatro preguinhos –	Preguiños de metal 484
Hum bottafogo piqueno –	Botafogo piqueno 1
Tres quintais, e huma arroba de ferros convem a saber cavilhas, pregos, e tudo o mais das carretas em que entrão alguns novos que vierão do Prezidio para Alfandega –	Ferro 3 quintais, e 1 arroba
Huma fechadura feita a moirisca com sua chave velhiçima –	Fechadura a moirisca 1
Dez livras de pasta dos quais se tirarão dous a saber hum para a receita, e despeza deste Almoxarife, e outro para as moniçoins, e sómente deve dar conta de outo livras que recebeu –	Livras de pasta 8
Madeiras de toda a casta	
Huma polé com seu cabo podre –	Polé com seu cabo podre 1



Hum exo velho de Carreta –	Exo velho de carreta 1
Cem paus entrando pedaços bastantes, e outros podres –	Paus 100
Tres caixas de botica –	Caixas de Botica 3
Duas pipas velhas –	Pipas 2
Noventa, e oito polés ou motoins sem roda dentro outros –	Polés 98
Dous paus de mastro que estavão na fortalleza, estão no Belluarte dos cavaleiros –	Paus de mastro 2

[7]v

A caza dalfandega com sua porta e fechadura, e chave e os Armazeins na mesma forma todos com suas portas e fechaduras, e a cravoeira sem porta , os sobrados de sima com suas portas, e janellas, e tres sem chave, sinco cabidos novos, e doze velhos, e quebrados que servem de por as Armas –

Cordoame

Cento, e vinte varas de Amaras velhas, e tudo podre que por estar emcapaz se não medio –

Amaras velhas 120 varas

Noventa, e sinco pedaços de cordas, e viradores, e ensarcas tudo cortado, e podre sem serventia nenhuma por estar todo podre se não medio –

Cordas 95 pedaços

Quatro arrobas, vinte, e tres livras de cabo embreado sem serventia nenhuma por estar todo podre se não medio –

Cabos 4 arrobas, e 23 livras

Dous cabos de cabrilha velha sem serventia nenhuma, e podres –

Cabos de cabrilha velhos 2

Quinze barras de ferro de Argolla com quatro quintais duas arrobas, e trinta, e huma livra –

Barras de Argollas 15 com 4 quintais 2 arrobas, e 31 livras

Hum copo de prata com duas onças, e meia que peza –

Copo de prata

Seis barris que se despejou pólvora –

Barris 6

Sinco quintais, e tres arrobas, e quatro livras de murrão todo podre, e emcapaz que por estar desta forma se não pezou –

Murrão podre

Quatro pranxoins de pinho para rodas dos reparos das artelharias que estão no prezidio –

Pranxoins 4

[8]r

Reparos, e madeiras com suas ferragens e pregarias neçeçarias para a fortalleza desta Praça, e da Vila da Praia, e são as seguintes



Dezoito reparos com seus aparelhos e ferraxens de vários calibres que se não sabe por se terem trocados com outros e assim mais seis rodas grandes que crecerão por se terem armado algumas carretas com outras cochas novas que havião –	Reparos de artelharia com suas ferragens 18 mais 6 rodas grandes
Vinte, e quatro Pranxoins para soleiras que estão no Prezidio –	Pranxoins 24
Sete caxoins para pregos –	Caxoins 7
Hum malho com seu cabo quebrado de pau –	Malho 1
Sinco cascós de barris que teverão alcatrão –	Cascós de barris de alcatrão 5
Tres pinceis para alcatroar –	Pinceis 3
Tres baldes com arcos de ferro para alcatrão –	Baldes 3
Hum varão de ferro –	Varão de ferro 1
Hum excoplo –	escoplo 1
Hum compaço piqueno quebrado, e emcapaz –	Compaço 1
Hum calibre de latão –	Calibre de latão 1
Duas picaretas –	Picaretas 2

E asim mais a capella que emtustuhio Manoel Correa de Salema, e sua mulher Joanna de Sancto Agostinho que consta das cousas seguintes

Humas cazas de sobrado na rua do [callaço] junto ao prezidio

[8]v

que são sala, e camara, e hum soto em baixo, e húa cozinha aruinada, e seis quintais providos de cazas que se aruinaraõ –

Duzentos mil reis para andarem a juros quais se tomão do dinheiro das capellas que estutuhio Amaro da Serra no reverendo cabido por este dinheiro ter parado na mão e ter recebidoo dito Amaro da Serra como testamenteiro que foi do estutuhidor e a dita sua mulher para que se passou precatoria a este juizo para o dito reverendo cabido no Anno de setecentos trinta, e sete em que foi posto cumprasse para se dar a sua execução e veyo esta capella a croa por falta de suceção dos chamados

para admenistração della, e não haver paremte algum dos entustuhidores que ouvecem de suceder nesta admenistração como se julgou por sentença afinal nos auctos que correrão nos juizos desta provedoria das capellas que estão no cartório do escrivão da correição, e das ditas capellas.

Consta mais esta capella de hua imagem de Nossa Senhora da Esperança que manda o estutuhidor esteja culucada na casa do capitollo do convento de São Francisco desta cidade com sua croa de prata, e o menino, e hum rozario de coral emgrazado em prata com sua cruz, e extremos de ouro, e hua borlazinha de sete pernas com tres Aljofres piquenos cada hum.



Tem esta capella de penção oito mil reis para se fazer a festa a mesma senhora da esperança no dia dezoito do mes de Dezembro de cada ano com vesporas missa cantada, e sermão na mesma caza do capitollo do dito convento cuja festa pertence a fazella o dito reverendo cabido, e não

[9]r

requerendo la hir fazer que a possam fazer mesmo os religiosos pella dita esmolla ; e assim mais tem de penção em cada anno quarenta missas rezadas de esmolla de cem reis cada huma della a alma dos estutihidores; hesta capella se emcorporo nos corpos dos contos desta ilha por ordem de sua magestade; e se tomou posse della pelo provedor e almoxarife que foi da real fazenda o coronel Antonio de Britto do Lago do dito anno de setecentos e trinta, e sete e por mandado do dito provedor foi aqui lançada neste livro a dita capella com as declaraçōins neceçarias como se achão no livro do seu anteceçor

para de hoje em diante continuarse a carga della aos Almoxarifes vimdoiros como, esta neste livro, e com as mesmas declaraçōins –

Hum pau de tracto afincado na rua da Baça –	Pau de trato 1
Cento, e vinte armas de fogo –	Armas de fogo 120
cento e vinte baunettas –	baunetas 120
Hum caixão em que vierão as armas de fogo com faltas de bastantes taboas –	caixão 1
Duas bandeiras, e hua dellas se serve com ella –	Bandeiras 2
Seis taboas de casquinha dobrado –	6 taboas de casquinha dobrado
Nove arrobas de pregos de ripar, e de soalho, e de madeirar –	pregos 9 arrobas
Dous barris em que vierão os pregos –	Cascos de barris 2
Dous torninhos de mão –	Torninhos de mão 2
Dezasseis verrumas sortidas –	Verrumas 16
Huma travadeira piquena para serra –	Travadeira piquena 1

[9]v

Quatorze limas sorteadas –	Limas sorteadas 14
Duas limas redondas com seus cabos de pau com argollas de ferro, e nas mesmas duas travadouras para as serras do alto –	Limas redondas 2 com seus cabos de pau
Dous malhos grandes de forja –	Malhos 2
Hum martello de forja –	Martello 1



Duas talhadeiras de sepo –	Talhadeiras de sepo 2
Duas ditas de vergueiro –	ditas de vergueiro 2
Duas atanazes de volta –	Atanazes de volta 2
Tres craveiras de fazer pregos –	Craveiras 3
Quatro cenzeis –	Cenzeis 4
Duas brocas de fazer chaves –	Brocas 2
Seis machados de carpinteiro –	Machados 6
Quatro inchós de carpinteiro –	Inchós 4
Huma tarraxa para fazer perafusos com tres machos –	Tarraxa de fazer perafusos 1
Tres serras de mão –	Serras de mão 3
Duas serras do alto com suas argollas e fuzis de ferro –	Serras do alto 2
Duas armazoins de madeira para ellas –	Armazoins de madeira para serras 2
Huma bigorna mais –	1 Bigorna
Huma padiolla –	Padiolla 1
Hum pranxão mais dos estavão na fortelleza –	Pranxão 1
[10]r	
Huma pá mais –	[...]
Huma craveira mais de fazer pregos –	Craveira 1
Seis expingardas mais velhiçimas, emcapazes sem servemtia –	Expingardas 6
Hum malho velho de pedreiro –	Malho de pedreiro 1
Hum casco velho de Barril em que tinha vindo breu –	Casco de barril que teve breu 1
Huma alavanca mais grande que tem hum boraco –	1 alavanca mais
Tres pranxois mais que estão no prezidio –	Pranxoins 3

Cujas monições, Armas, fortificações, Artelharias petrechos, ferramentas, e matriais que consta neste livros atras e asima recebeu o Almoxarife feitor, e recebedor da Fazenda Real ajudante tenente Henrique da Costa Alvarenga, e de como recebeo asignou aqui com o dito Provedor da Real Fazenda, Eu Jorge Martinho Fragozo escrivão dos contos e almoxarifado que a escrevi:





CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA